

Logo que assumiu o poder como **chanceler**, Hitler iniciou uma violenta perseguição aos membros do Partido Comunista, que ele e seus aliados da burguesia consideravam como o pior de todos os inimigos a ser combatido, não só na Alemanha mas em todo o mundo.

No ano seguinte, iria haver novas eleições, e Hitler agora estava preparado para fortalecer ainda mais o seu partido. Os nazistas receberam, nessas eleições, uma votação enorme, e Hitler se aproveitou dessa vitória, conquistada democraticamente, para decretar o fim da democracia: com a morte do antigo presidente, ele se declara chefe do estado ditatorial na Alemanha.

Nascia, então, aquilo que o próprio Hitler chamou de Terceiro *Reich*, que significa aproximadamente Terceiro Império. Já que a Alemanha tivera, antes, dois grandes impérios, este

Chanceler – Em alguns países, ministro das Relações Exteriores. No caso da Alemanha, chefe do governo.
Reich – Pronuncia-se *ráich*.

seria o terceiro, e, segundo Hitler, o maior, pois duraria mil anos e seria o mais forte de todos os tempos.

No Terceiro *Reich*, todas as pessoas deviam se curvar à vontade soberana do *Führer* (em alemão, grande chefe, líder absoluto), e o *Führer* era Hitler, que chegou a ser cultuado no país quase como se fosse uma espécie de Deus.

Seus primeiros atos como ditador foram perseguir e fechar todos os partidos políticos que se opunham às pregações nazistas. E, contrariando frontalmente o Tratado de Versalhes, criou centenas de **indústrias bélicas** e declarou a obrigatoriedade do serviço militar.

Assim, em pouco tempo, o governo de Hitler pôde apresentar um crescimento significativo da economia alemã, multiplicar o número de empregos e formar um dos exércitos mais bem equipados da Europa.

Os trabalhadores alemães, bombardeados pelos vibrantes discursos de Hitler, em grandes concentrações populares ou através do rádio,

Führer – Pronuncia-se mais ou menos como *ffurer*.
Indústrias bélicas – Fábricas de armamentos, munições e veículos de transporte militar.

aos poucos se encantavam com aquele grande orador, que só faltava lhes prometer o paraíso, desde que fossem fiéis a ele e à sua **doutrina**.

Nos seus discursos inflamados, o *Führer* continuava a pregar a superioridade da raça ariana (= brancos, raça à qual pertenciam os alemães puros), o combate aos judeus e a necessidade da conquista de novos territórios, mesmo que, para isso, fosse preciso ir à guerra.

Hitler, um homem que conhecera a miséria e o ódio que os miseráveis podem ter dos muito ricos, explorava ao máximo esse sentimento, apontando os grandes **capitalistas** judeus como culpados por todos os problemas da Alemanha e do mundo.

Além disso, estimulava a vontade de vingança que os alemães carregavam dentro de si, com a derrota e a humilhação que se seguira à primeira grande guerra. E muitas vezes unia e confundia ainda mais todos esses sentimentos,

Doutrina – Conjunto das idéias e pensamentos de um grupo, um partido político, uma organização religiosa.
Capitalistas – Os ricos, os donos do capital, os proprietários dos bancos. Para entender melhor, leia *Capitalismo*, desta Coleção.

afirmando que os capitalistas judeus é que comandavam a política nas outras potências europeias.

Alimentando a vontade de vingança e o orgulho nacional dos alemães, que ele chamava de raça superior, ao mesmo tempo em que lhes transmitia um sentimento de segurança e força, devido ao crescimento econômico do país, Hitler controlava cada vez mais a mente e o coração do seu povo.

Seus discursos faziam com que o povo se sentisse também forte, superior e destinado a dominar o mundo, quando, na verdade, não passava de escravo do desejo e da vontade suprema do *Führer*.

Tudo em seu governo foi planejado para aumentar esse controle sobre o país e o povo: a propaganda no rádio e no cinema, os hinos, as grandes bandeiras com a cruz suástica (símbolo do nazismo), as grandes festas, as competições esportivas, o ensino nas escolas, a disciplina rigorosa dos soldados e da polícia, o controle total dos jornais e revistas.

Os alemães, um povo que sempre se caracterizou pela emoção, pela disciplina e pela vontade de conquista, sentiam-se parte de uma

grande organização, unida, superior e imbatível.

Em praticamente todas as famílias, havia alguém que pertencia ao Exército, à Marinha, à Aeronáutica, à Juventude Hitlerista ou a uma das várias organizações policiais, de jovens, de trabalhadores e de mulheres, que foram criadas por inspiração ou por ordem expressa de Hitler.

Se ser alemão já era motivo de grande orgulho, pertencer às organizações nazistas era uma enorme honra, um sinal de que a pessoa tinha importância e merecia respeito, e os idosos se orgulhavam de ver filhos e netos vestindo um dos diversos uniformes que o nazismo adotou.

Nem as crianças eram poupadas da propaganda nazista: além da doutrinação que recebiam nas escolas em geral, os pais as colocavam, desde cedo, em centros de treinamento militar, para que, no futuro, alcançassem postos mais altos no Exército ou na polícia.

Nessas escolas, os futuros nazistas eram treinados para odiar o comunismo e combater tudo o que não fosse alemão, e assistiam a filmes que reforçavam seu desprezo por outras raças, e, em especial, pelos judeus, muitas ve-



zes comparados a ratos e pragas que só fazem mal a um país.

Os meninos e jovens eram também treinados, física e mentalmente, para se tornarem bons soldados e adoradores de Hitler. Todos os dias, cantavam hinos que exaltavam a superioridade do líder e da raça, e aprendiam a obedecer cegamente às ordens do *Führer*, que, para eles, era infalível e invencível.

Entre todos os meios de propaganda utilizados por Hitler para dominar as mentes alemãs, o cinema merece um destaque especial, pois teve um papel de grande importância.

CIN. A Alemanha possuía, na época, uma indústria de cinema bastante avançada e moderna e alguns dos maiores estúdios de filmagem do mundo, e Hitler foi o primeiro a usar este meio de comunicação como instrumento de propaganda política. Só alguns anos depois, já durante a II Guerra Mundial, é que os norte-americanos, ingleses, franceses, italianos e outros povos iriam descobrir essa força política do cinema.

O Ministro da Propaganda de Hitler, Joseph Goebels, planejava, cuidadosamente, a utilização do cinema e dos demais meios de comu-

nicação, para estimular a adoração do povo ao seu líder e divulgar as pregações anti-semitas e as idéias de superioridade da nação alemã.

Ele mesmo convocava os grandes cineastas alemães da época e encomendava ou exigia que fizessem filmes de propaganda do regime ou das idéias de Hitler, e aquele que se recusasse caía em desgraça: no início, dificilmente conseguiria fazer outro tipo de filme e, mais tarde estaria correndo o risco de ser preso ou até assassinado, como inimigo do governo e da nação.

Começando por decretos que apenas complicavam um pouco a vida dos judeus e depois passando a **restrições** cada vez mais duras, no trabalho, na vida em sociedade e até mesmo nos lugares públicos, desde o início do seu governo, Hitler jamais os deixou em paz.

Milhares de judeus fugiram da Alemanha, enquanto houve tempo. Mas a grande maioria permaneceu, por acreditar que um dia as coisas mudariam, por não ter recursos para fugir, ou ainda porque a Alemanha era o seu país natal.

Restrições – Proibições e limites, aqui, impostos pelo governo, desrespeitando os direitos dos cidadãos.

A vida dos que ficaram iria, aos poucos, se transformar num inferno: sofriam constantes agressões de civis e militares alemães, eram proibidos de se relacionar com pessoas de sangue ariano e nem mesmo podiam empregar, em serviços domésticos, mulheres alemãs com a idade inferior a quarenta e cinco anos.

Primeiro, os judeus não podiam ocupar certos empregos; depois, já não puderam mais morar em determinados bairros; em seguida, foram proibidos os casamentos entre judeus e alemães; mais tarde, os judeus já não podiam ter seu culto religioso e nem sequer se sentar nos bancos das praças.

E, finalmente, vieram decretos ainda mais desumanos: o judeu tinha que pregar, na roupa, uma estrela amarela, para ser facilmente identificado; podia ser preso por qualquer motivo e perder suas propriedades para o governo; e a polícia de Hitler usava qualquer pretexto para invadir e destruir as lojas e moradias das famílias judias.

Contra os judeus e contra qualquer outra pessoa que não aceitasse o regime ou fosse por ele julgada perigosa (comunistas, ciganos, homossexuais, doentes, jornalistas e escritores que se opunham ao regime) quase tudo se tornou

permitido, dentro ou fora da lei: restrições, prisão, violência, **deportação**.

Mas o inferno nazista ainda não atingira o seu ponto mais diabólico. Este chegou com a criação dos chamados campos de concentração, gigantescas construções que primeiro funcionaram como prisão para qualquer um que fosse considerado inimigo e, mais tarde, como campos de extermínio, onde, a cada dia, morriam centenas e até milhares de seres humanos.

A maioria dos judeus era de pessoas comuns – comerciantes, bancários, artesãos, artistas, donas de casa, crianças de todas as idades – que, até Hitler chegar ao poder, viviam em paz, sentiam-se tão alemães quanto todos os outros e faziam parte da sua comunidade.

De repente, até mesmo sem que compreendessem por quê, agora todos eles eram vistos como inimigos perigosos, que só mereciam ser presos e até mortos. É evidente que havia alemães que não concordavam com isso, que podiam até odiar Hitler e suas idéias, mas quase todos se calaram, por medo de punição.

Deportação – Ato de expulsar alguém do país onde nasceu ou onde vive.

E, assim, pessoas simples e inocentes, que antes levavam uma vida normal com os seus vizinhos, já não sabiam mais de quem desconfiar.

Adultos e crianças passavam dias e noites de pavor, esperando pelo momento terrível em que os soldados ou a polícia viessem bater à sua porta, para conduzi-los a algum lugar desconhecido, talvez um dos campos de concentração de que tinham ouvido falar e em cuja existência nem tinham coragem de acreditar.

IV

OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO